



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7556 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

TEM ALGUÉM NA ESCUTA? REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL DA BAIXADA FLUMINENSE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Amanda Pontes Figueiredo - UFRRJ - PPGEDUC - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Flávia Fernanda Ferreira de Lucena - UFRRJ - PPGEDUC - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Alessandra Silva da Costa - UFRRJ - PPGEDUC - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

TEM ALGUÉM NA ESCUTA? REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL DA BAIXADA FLUMINENSE EM TEMPOS DE PANDEMIA

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
 criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
 para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
 nascimentos –
 O verbo tem que pegar delírio.
 (BARROS, 2001, p. 15)

“Tem alguém na escuta?” a pergunta que intitula esse trabalho é uma reflexão, que em dias atuais não pode ter o silêncio como resposta. Em tempos sombrios onde de um dia para o outro somos obrigados ao confinamento, a poética de Manoel de Barros nos lembra da potência criativa, inventiva e transgressora que há na existência infantil. Ouvir as crianças que escutam a cor dos passarinhos talvez seja uma boa opção de rota para sobreviver ao contexto imposto pela pandemia e junto a elas encontrar caminhos de como viver esse espaço de confinamento.

Com a homologação do decreto estadual nº 46.970 de 13 de março de 2020, que determinou temporariamente o isolamento social e o fechamento de vários estabelecimentos, na tentativa de conter a propagação do novo Coronavírus (COVID-19), todos os setores da sociedade se viram frente a um grande desafio: como adequar-se a essa nova realidade?

A determinação desta medida aos estabelecimentos educacionais, que continuam com suas aulas presenciais suspensas até hoje, impôs desafios. As unidades de Educação Infantil que promovem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, na faixa etária de 0 a 5 anos, através das vivências e experiências, tiveram que propor ações para que a aproximação

entre escola e comunidade escolar se mantivesse.

O recorte escolhido para este trabalho nasce no contexto de uma pesquisa interinstitucional que pretendeu mapear as ações voltadas para a Educação Infantil das Secretarias de Educação dos treze municípios que compõem a Baixada Fluminense/ RJ.

Metodologicamente optamos por utilizar um questionário, que é composto por um conjunto de perguntas com o objetivo de coletar dados de um grupo de respondentes (MARCONI; LAKATOS, 1999, p.100). O envio do questionário se deu após encontro virtual com os responsáveis pelas Secretarias dos municípios participantes, de forma que os mesmos puderam tomar conhecimento dos aspectos da pesquisa e num primeiro momento dialogar sobre as primeiras ações adotadas. Tivemos a devolução de 10 dos 13 questionários enviados. As questões abertas e fechadas contidas nesse instrumento de coleta proporcionaram reflexões sobre algumas particularidades do atendimento à Educação Infantil da Baixada Fluminense, dentre eles a escuta das crianças.

Após visitar e revisitar as respostas das perguntas contidas no questionário, foi possível perceber um esforço em “escutar” os professores, as famílias e as crianças e uma celeridade em dar respostas a estes sujeitos, que nem sempre contemplam suas expectativas para o momento. Os resultados iniciais demonstram que: (i) dos 10 municípios participantes, 90% responderam escutar as crianças e famílias sobre o que estão sentindo e produzindo nesse momento de pandemia; (ii) 50% dos municípios disseram ter realizado algum tipo de mapeamento para saber as condições das famílias nesse momento de pandemia, indicando, em sua maioria, que cada Unidade Escolar ficou responsável por “mapear sua clientela”; (iii) sobre as primeiras ações realizadas pelas Secretarias após a suspensão das atividades presenciais, 40% elaboraram atividades pedagógicas para as crianças, 30% indicaram a antecipação do recesso escolar de julho, 20% realizaram reuniões para planejamento e 10% realizaram o cadastro das crianças para auxílio alimentação; (iv) 60% dos municípios não consultaram as crianças e as famílias sobre as escolhas das estratégias utilizadas nesse contexto de pandemia após a suspensão das atividades presenciais.

Diante de uma situação inédita, reconhecemos os esforços das Secretarias em construir ações rápidas, algumas com a escuta da comunidade escolar. No entanto, consideramos a necessidade de ampliação desses espaços, os dados da pesquisa indicam que essa escuta esteve relacionada somente às ações sociais, não atingindo as ações pedagógicas. Nesse sentido, foram criados cadernos pedagógicos ou proposições de atividades que foram entregues para as crianças em papel, ou enviadas através de WhatsApp, postadas em sites das secretarias, plataformas digitais, sem considerar seus interesses, os desdobramentos dessas em suas vidas e a possibilidade das famílias realizarem essas atividades com elas. Consideramos a necessidade de promoção de ações constantes de escuta das crianças e famílias, pois são estes diálogos que ajudarão na (re)construção e avaliação das ações adotadas pelos municípios neste momento de pandemia. Para Freire (1991) escutar vai além da capacidade auditiva de cada um, escutar significa disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta a abertura à fala do outro, do gesto, da diferença.

Historicamente, a infância esteve condicionada e controlada em um espaço social pelo adulto. Tudo que sabemos sobre elas veio durante anos de uma visão adultocêntrica do mundo e romper com essa marca histórica tem sido um dos principais desafios da educação das crianças nesse tempo de pandemia. Afinal, como propor ações sem escutar as crianças? Acreditamos que o atual cenário em que nos encontramos possibilite uma grande virada nessa história, pois se torna evidente a necessidade de legitimar a fala das crianças, saber o que sentem, constroem e vivenciam. Neste sentido, diálogo e escuta são caminhos possíveis para se traçar estratégias e desenvolver ações neste momento de pandemia e no retorno.

Permanecer na escuta das crianças é garantir o reconhecimento delas como sujeito de direitos, sujeito que produz cultura e que tem suas culturas infantis, e disso não podemos abrir mão. Pensando na experiência que vivemos nesse momento, acreditamos que os ensinamentos de Jorge Larrosa sejam válidos, afinal na Educação Infantil tratamos de experiências e não de conteúdos.

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LARROSA, 2004,p. 122).

O desafio gerado pela pandemia evidenciou que não existe uma fórmula pronta. Passados seis meses de fechamento das escolas, chega o momento de rever as ações. Acreditamos que “parar para olhar, escutar e falar sobre o que nos acontece”, seja um caminho possível para a construção de ações que façam sentido para as crianças. Em um contexto de incertezas, a certeza de que a escola é um lugar de afeto e pertencimento pode ter mais valor para as crianças do que o preenchimento de seus tempos com tarefas que, por vezes, quem envia já sabe que elas não têm condições de realizar.

Palavras-chave: Escuta. Educação Infantil. Pandemia. Baixada Fluminense.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia (Org.). *Escola viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 113-132.

MARCONI. M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1999.